

APONTAMENTOS CRÍTICOS ÀS TEORIAS DOS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE CLASSE: *VIDAS SECAS* E OS MUITOS “FABIANOS”

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se.
Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia
porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia
trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as
cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda
sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto?
Quem tinha culpa?
Vidas Secas

*Francini Hirata**
*Pedro Henrique de Moraes Cícero***

Resumo: Partindo da problematização das Teorias dos Novos Movimentos Sociais agregada às contribuições de *Vidas Secas*, romance clássico da literatura brasileira publicado por Graciliano Ramos em 1938, este artigo pretende resgatar a importância do marxismo para a análise dos movimentos sociais. Diferentemente do apregoador por essa teoria, a idéia é demonstrar que há barreiras materiais para a construção e dispersão dos valores culturais, uma vez que a classe social limita e determina o potencial cultural para a mobilização baseada na linguagem, no discurso e nas identidades.

Palavras-chave: Teoria dos Novos Movimentos Sociais, *Vidas Secas*, cultura e classes sociais.

Abstract: Through the questioning of the “New Social Movements Theory” and the contributions of *Barren Lives*, classic romance of Brazilian literature published by Graciliano Ramos in 1938, this article aims to rescue the importance of Marxism for the analysis of social movements. Unlike proclaimed by this theory, the idea is to show that there are material barriers to the construction and spread of cultural values, as the social class limits and determines the cultural potential for mobilization based on language, the discourse and identities.

Key-words: The New Social Movements Theory, *Barren Lives*, Culture, and Social classes.

* Mestre em Ciência Política pela UNICAMP .

** Mestre em Ciência Política. Doutorando em Ciência Política pela UNICAMP.

Teorias dos Novos Movimentos Sociais e a crítica ao paradigma marxista

A Teoria dos Novos Movimentos Sociais (NMS) tomou corpo entre os cientistas sociais europeus a partir da década de 1960. Através de um quadro conceitual destinado a combater a perspectiva teórica marxista, sobretudo a centralidade da luta de classes, caracteriza-se pela formulação de esquemas interpretativos que enfatizam os elementos culturais em detrimento de conceitos clássicos – em particular o de classe social¹ – para melhor compreender as novas formas de ação coletiva que rapidamente se disseminavam pelo continente naquela época. Foram as *ondas de protestos*, mobilizações que supostamente flexibilizaram o pressuposto marxista segundo o qual a luta social se origina e se desenvolve apoiada em motivações essencialmente de natureza econômica (de classe).

De fato, os principais movimentos sociais da época (em especial o Movimento Estudantil e o Movimento Feminista) assumiram um caráter transclassista, ou seja, abarcaram em suas fileiras cidadãos oriundos das mais diferentes classes sociais. As lutas por eles empreendidas vislumbravam muito mais do que a igualdade formal de oportunidades e de bens materiais. Buscavam

¹ Apoiamo-nos no conceito de classe sintetizado por Galvão: “Em primeiro lugar, descartamos os conceitos de classe que se circunscrevem à renda e/ou dimensão ocupacional. Em segundo lugar, a nosso ver, a posição de classe não pode ser considerada como mero reflexo da posição econômica. Mas se entendemos que não há uma relação mecânica entre posição no processo produtivo e posição de classe, isso não significa que não haja nenhuma relação entre ambas: consideramos que a localização no processo produtivo circunscreve um campo de interesses, que vai ser construído na luta de classes” (Galvão, 2008, p. 14). A esta definição, agregase a de Sallum (2005, p. 40), ao considerar que as classes sociais “*não são atores coletivos, mas fixam balizas, por sua posição relativa nos planos material e cultural, à sociabilidade cotidiana, aos movimentos sociais, aos grupos de pressão e às coletividades moldadas por aparelhos institucionais*”.

ir além, pois concebiam o conceito de “modo de produção” de forma mais ampla do que no marxismo clássico, uma vez que acentuavam o fato da origem do poder da classe dominante ser baseada não mais no domínio sobre os meios de produção, mas sim no monopólio sobre a informação e na produção do conhecimento.

Por conseguinte, o *locus* dos conflitos sociais migrara das relações laborais para as culturais. Assim, a tática de dominação também se modificara, não mais representando algo que se dá em relação a grupos e/ou classes sociais, mas sim sobre o indivíduo. De acordo com autores como Touraine (1989; 1999) e Laclau (1986)², tais modificações anunciaram a necessidade de fazer com que a teoria social se adequasse às novidades impostas pela instalação desse novo momento histórico, denominado de modo geral “Sociedade Pós- Industrial”.

Foi Alain Touraine quem mais se ocupou em apontar as singularidades da “nova era”. Em linhas gerais, sustentou que a transição entre um tipo societário e outro se deu a partir do momento em que os investimentos, ao invés de produzirem bens materiais, passaram a produzir bens simbólicos os quais modificaram os valores, as necessidades e as representações. Nesse sentido, Touraine buscou assinalar a diferença entre a sociedade industrial, cuja principal inovação foi ter transformado os meios

² Cabe aqui ressaltar que, apesar de serem comumente apresentados como autores importantes na consolidação das chamadas “Teorias dos Novos Movimentos Sociais”, as obras dos pensadores citados contém especificidades importantes. Em que pese partilharem pressupostos teóricos centrais (especialmente a centralidade analítica do conceito “cultura”), Touraine e Laclau preocupam-se, cada um a sua maneira, com uma temática distinta no desenvolver de suas obras. Contudo, por não ser esta a temática central do presente artigo, tais singularidades não poderão ser aqui desenvolvidas, ao mesmo tempo em que os dois autores e a três obras citadas dão sustentação aos argumentos aqui apresentados.

de produção, e a sociedade pós-industrial que tem como foco a transformação dos fins da produção, ou seja, a intervenção das forças sociais sobre si mesmas. A cultura, e não mais o domínio dos meios de produção, transforma-se no principal elemento de disputa entre os diferentes agrupamentos sociais.

Os pensadores dos NMS consideram que o marxismo trata a ação coletiva apenas no nível das estruturas, da ação das classes sociais, focando suas análises exclusivamente nas macro-determinações. Tal opção lhes impõe intransponíveis restrições quanto à análise dos aspectos eminentemente individuais da vida social. A desmedida ênfase no campo econômico, por conseguinte, os impede de analisar as relações políticas e culturais.

Nesse sentido, a opção de priorizar o proletariado como o ator social capaz de levar a cabo as transformações sociais revela-se um grave erro cujas raízes remontam a esse desvio teórico. Ao restringir a luta social a apenas uma categoria de indivíduos, o paradigma marxista não consegue abarcar a multiplicidade dos grupos e dos interesses que se entrelaçam na sociedade contemporânea. As palavras de Souza Santos (2005, p. 177) sintetizam tal polêmica:

A maior novidade dos NMS é que constituem tanto uma crítica à regulação social capitalista, como uma crítica à emancipação social socialista, como foi definida pelo marxismo. Através da identificação das novas formas de opressão que ultrapassam as relações de produção e sequer são específicas delas, como a guerra, a poluição, o machismo, o racismo e o produtivismo; e da defesa de um novo paradigma social, mais baseado na cultura e na qualidade de vida do que na riqueza e no bem estar material, os NMS denunciam, com uma radicalidade sem precedentes, os excessos de regulação da modernidade. Tais excessos atingem não só o modo como se trabalha e se produz, mas também o modo como se descansa e se vive; a pobreza e as assimetrias das relações sociais são a outra face da alienação e do desequilíbrio interior dos indivíduos;

e, finalmente, essas formas de opressão não atingem especificamente nenhuma classe social e sim grupos sociais transclassistas ou até mesmo a sociedade como um todo.

Portanto, para a abordagem dos NMS, na sociedade pós-industrial os sujeitos providos de capacidade revolucionária são os atores sociais agrupados num coletivo difuso e não hierarquizado, cujo principal elemento aglutinador diz respeito à construção de identidades, advindas da solidariedade partilhada entre os agentes, sendo que, nas palavras de Laclau e Mouffe (Galvão, 2008, p. 10), a identidade é vista como “um complexo de práticas discursivas”.

Como consequência, passa-se a enfatizar a necessidade de levar a análise ao campo cultural, deslocando, através das novas identidades sociais, o conflito de classes para o conflito de idéias. Dessa maneira, os teóricos dos NMS acabam por superdimensionar o campo de abrangência do conceito de cultura, tornando-o, assim, superficial. Este fato pode ser ilustrado pelo trecho abaixo, no qual Touraine (1999, p. 69) classifica como “fenômenos eminentemente culturais” lutas políticas bastante distintas:

O que surpreende, desde o início dos anos 80 [na França], é que os movimentos que tocaram com mais força a opinião pública, por seu conteúdo, e não só por seu contexto, foram geralmente movimentos formados para a defesa de direitos culturais. Por isso, começarei por evocar o movimento dos beurs (segunda geração de imigrantes árabes, na França) e a ação dos militantes anti-racistas, depois os movimentos de homossexuais associados à luta contra a AIDS. Dentre os movimentos dos “sem” [os sem-casa, os desempregados e os sem-documentos], o dos sem-documentos é evidentemente, e de longe, o que teve maior importância.

Somando-se a essa característica, as análises dos atores sociais efetuadas pelos teóricos dos NMS “ênfatizam a identidade coletiva criada por grupos e não a identidade social criada por estruturas sociais que preconfiguram certas características dos indivíduos” (Gohn, 2007, p. 123) de forma a “negar o papel das determinações e dos processos objetivos, destacando o primado da subjetividade dos indivíduos e o papel dos agentes sociais em suas lutas cotidianas (Gohn, 2007, p. 134).

Vidas Secas e a crítica às teorias dos novos movimentos sociais

Um dos objetivos deste artigo, que se propõe a problematizar aspectos centrais das teorias dos NMS sem, porém, dar conta de toda sua complexidade, é apontar os limites da utilização do conceito “cultura” como eixo exclusivo e primordial para a transformação social. Pretendemos deixar clara a preponderância da questão de classe como fator determinante para o entendimento dos elementos culturais que, segundo as teorias dos NMS, são a principal chave para tornar possível a reversão da dominação típica da sociedade pós-industrial.

A idéia é demonstrar que há barreiras materiais para a construção e dispersão dos valores culturais, uma vez que a posição de classe limita e determina o potencial cultural para a mobilização baseada na linguagem, no discurso e nas identidades.

A classe social importa porque, de um lado, determina e condiciona a fala, podendo inclusive expropriá-la e, de outro, porque evidencia que não basta falar para se fazer ouvir, sendo que esta relação não é de nenhum modo mecânica ou automática. A exploração do trabalho, o domínio burguês sobre o aparelho de Estado e, por conseguinte, a dominação cultural tornam o domínio de uma classe sobre a outra um fenômeno que extrapola a utilização da linguagem como forma de se estabelecer o consenso.

As bases de tal debate expressam-se no disputado e, por conseguinte, polissêmico conceito de cultura, que assumiu inicialmente dois eixos opostos: no primeiro deles, denota o

domínio estético, em particular, o domínio da arte e da literatura e as relações entre ambas. No outro extremo estão os usos antropológicos do termo para denotar “todo o modo de vida” de uma sociedade.

A concepção marxista de cultura, por sua vez, estabelece um outro foco: desenvolver uma explicação materialista das relações entre as idéias e os aspectos e condições da práxis humana (Bottomore, 2001, p. 93-94). Nesse sentido, no interior do debate marxista, o pensador britânico Raymond Williams (1958, p. 4) contribui com uma definição pertinente para o desenvolvimento argumentativo do presente ensaio:

Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo. Alguns escritores usam essa palavra para um ou para outro sentido, mas insisto nos dois e na importância de sua conjunção³.

Ou seja, “trata-se, em outras palavras, de uma ‘cultura’ no sentido mais forte do termo, uma cultura que tem que ser vista como a vivência da dominação e da subordinação de certas classes sociais” (Williams apud Cevasco, 2008 p. 115). É, portanto, uma concepção segundo a qual a cultura está inextricavelmente ligada à organização social, regida pela economia. Para Williams, a cultura, “longe de ser marginal ou subsidiária, é constitutiva do processo social” (Cevasco, 2008, p. 112). Afasta-se, assim, o idealismo de se pensar que somente a luta cultural será capaz de efetuar essa mudança.

³ Tradução livre da passagem: “We use the word culture in these two senses: to mean a whole way of life – the common meanings; to mean arts and learning – the special processes of discovery and creative efforts. Some writers reserve the word for one or other of these senses; I insist on both, and on the significance of their conjunction” (Williams, 1958, p. 4).

Neste sentido, mostraram-se bastante reveladoras as contribuições oriundas do romance *Vidas Secas*, um dos principais expoentes do Modernismo brasileiro. Este movimento literário, agregado ao desenvolvimento da economia capitalista em nosso país, gerou, entre as décadas de 20 e 30 do século passado, grande efervescência cultural. Esta, por sua vez, trouxe consigo um momento de intenso questionamento sobre a realidade social brasileira, tendo o movimento modernista logrado combinar elementos estéticos (ligado às modificações operadas na linguagem) aos elementos ideológicos (diretamente atada ao pensamento, à visão de mundo).

De acordo com Lafetá (2000, p. 31), há predominância do projeto ideológico no Modernismo a partir dos anos 30, onde a “incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira representa um enriquecimento adicional e completa – pela ampliação dos horizontes de nossa literatura – a revolução na linguagem”.

Nesse romance clássico da literatura brasileira, cujo drama é o “entrosamento da dor humana na tortura da paisagem” (Candido, 2006, p. 66), a denúncia da história de uma família de retirantes nordestinos deixa o cenário da seca e da miséria do sertão para representar, guardadas suas especificidades e singularidades, a condição de existência de muitos “Fabianos” ao redor do mundo: “Fabiano é um esmagado, pelos homens e pela natureza” (Candido, 2006, p. 63).

Dessa maneira, conforme expressa Candido (2006, p. 92) “o personagem está ligado à situação que o define, onde problemas vividos e magistralmente propostos, o amparam e lhe dão realidade”.

Graciliano Ramos usou um discurso especial, que não é monólogo interior e não é também intromissão narrativa por meio de um discurso indireto simples. Ele trabalhou como uma espécie de procurador do personagem, que está legalmente presente, mas ao mesmo tempo ausente. O narrador não quer identificar-se ao personagem, e por isso há na sua

voz uma certa objetividade de relator. Mas quer fazer as vezes do personagem, de modo que, sem perder a própria identidade, sugere a dele. Resulta uma realidade honesta, sem subterfúgios nem ilusionismo, mas que funciona como realidade possível (Candido, 2006, p. 150).

Marcado por relações de dominação e poder, o enredo de *Vidas Secas* remete às condições de miséria que adquirem a forma de economia de palavras e de subordinação, de tal forma a estabelecer fatores os quais determinam e condicionam as possibilidades e impossibilidades que conformam a existência humana: “Caminhando, [Fabiano] movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás” (Ramos, 2005, p. 15). Sendo assim, “Fabiano é em si mesmo um vaqueiro nordestino, mas na leitura projeta-se como um símbolo de todos aqueles cujas condições de vida e de submissão à ordem sejam análogas às suas” (Bastos, 1998, p. 100).

Por isso, os problemas, contradições e dramas expostos no romance não podem ser considerados como características exclusivas do nordeste brasileiro⁴. Evoca-se, aqui, a célebre frase: o sertão é o mundo.

⁴ Todavia, faz-se importante enfatizar a particularidade da inserção do nordeste no contexto do capitalismo brasileiro, que assume características específicas no que diz respeito às relações de dominação e exploração. Brunacci (2008, p. 95) é precisa ao afirmar que *Vidas Secas* é um “romance da seca, mas não exclusivamente. Nele, a seca como tragédia que se abate sobre o sertanejo é uma condição natural, cujas conseqüências se repetem porque se repetem indefinidamente as condições sociais. Ou porque se repete, geração após geração, uma tradição de mando que perpetua essas condições sociais: a condição colonial, que se reproduz e persiste no interior do projeto modernizador. Então não se trata apenas de um romance da seca, mas de uma narrativa da colonização, que o processo de modernização não logrou superar”.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos leva ao máximo a sua costumeira contenção verbal, elaborando uma expressão reduzida à elipse, ao monossílabo, aos sintagmas mínimos, para exprimir o sufocamento humano do vaqueiro confinado aos níveis mínimos de sobrevivência (Candido, 1989, p. 161).

Em uma contundente passagem da obra, onde a família, mais uma vez, é obrigada a fugir da seca, fica claro que a mudança de lugar não significa, necessariamente, transformações em suas condições de vida:

Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos (Ramos, 2005, p. 128).

Neste sentido, corrobora o comentário de Bosi (1975, p. 452):

Daí parecer precária, se não falsa, a nota de regionalismo que se costuma dar a obras em tudo universais como *São Bernardo* e *Vidas Secas*. Nelas, a paisagem capta-se menos por descrições miúdas que por uma série de “tomadas cortantes”; e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como lutador em *São Bernardo*, retirante em *Vidas Secas*.

O sertão é o mundo no sentido em que a opressão nele encontrada tem caráter universal, não tendo como causas somente aspectos geográficos como a seca e os mandacarus: “Fabiano e os seus são seres espoliados não só de teto e alimento, mas também de linguagem” (Camilo, 1995, p. 424). Desse modo, “Graciliano Ramos é um negador pertinaz dos valores da sociedade e das

normas decorrentes. [...] Em *Vidas Secas*, [estas normas] constituem o aparelho de opressão do pobre” (Candido, 2006, p. 86).

E há também algo de universal no “silêncio” dessa família, o grito dramático da injustiça social: “A injustiça social atravessa como grito a cortina de silêncio destas páginas de realismo crítico, faz-se a voz dos personagens emudecidos” (Felinto, 2005, p. 134). A palavra, a fala, o discurso, a conversa e seus temas são condicionados estruturalmente pela realidade social na qual eles se inserem, tendo relação com determinantes históricos, econômicos, políticos, ideológicos e sócio-culturais: “Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo [Tomás]: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo” (Ramos, 2005, p. 22).

O que determina a condição social da família de Fabiano? Não é exclusivamente a seca nordestina, como nos chama a atenção Coutinho: “só aparentemente o nomadismo de Fabiano decorre de um fenômeno natural, da seca: ele se liga, em primeira instância, ao fato de não ser Fabiano um proprietário, o que o impede de vincular-se definitivamente à terra” (Coutinho, 1967, p. 173). A sua condição de miséria e opressão decorre, entre outros fatores, da grande propriedade e da mão-de-obra barata ou escrava. É, de modo geral, o capital enquanto relação social que gera e aprofunda a miséria: “Aos devaneios do retirante, aos sonhos de uma vida liberta do ciclo infernal da seca, Graciliano contrapõe a certeza do sem-saída, historicamente fundamentada” (Camilo, 1995, p. 425). Ou ainda:

Trata-se de um “regionalismo problemático” que não mais se atém ao mero descritivismo de paisagens e costumes rurais. Com ele, ganham escala nacional os dramas específicos das áreas onde melhor se configura a situação de atraso (Camilo, 1995, p. 416).

A interface com as teorias dos NMS demonstra que, na verdade, o regionalismo aparece com maior vigor na obra dos

pensadores europeus. O fato de não haver muitos “Fabianos” nos cafés franceses da década de 1960 é extremamente relevante. A idéia de cultura, entretanto, não pode ser lançada sem levar em conta o contexto material no qual está inserida, especialmente quando se trata de um contexto sócio-econômico tal como o latino-americano.

Além da questão da (falta de) universalidade, é importante salientar que o romance nos possibilita apontar outros limites da argumentação proposta pelas teorias dos NMS. Uma delas refere-se às preocupações concernentes ao diálogo e, conseqüentemente, às determinantes materiais que cerceiam a capacidade de se fazer entender, ouvir e respeitar:

Destituídos dos direitos básicos de terra, pão e trabalho, amargando uma clausura imposta pela estrutura fundiária que os obriga a vagar sozinhos por longas distâncias, parando aqui e acolá, durante as tréguas da seca, para cuidar de uma propriedade alheia, as personagens desenvolvem uma estratégia de autodefesa pelo silêncio (Brunacci, 2008, p. 104).

Diferentemente do apregoado pelo paradigma das teorias dos NMS, a fala não deve ser encarada apenas enquanto simples elemento da cultura, livre de determinações de classe. Pelo contrário. No romance, a cultura e, por conseguinte, os constrangimentos ligados a fala, são fatores que trazem à tona a diferenciação entre classes. Neste sentido, torna-se pertinente a crítica de Sallum (2005, p. 23) ao chamar a atenção para a natureza teórica dos problemas desta literatura, já que “subestimam a relevância da cultura não apenas na *articulação* entre classe e ação coletiva, mas na *conformação* mesma dos dois termos”. Ilustra Graciliano:

[Fabiano] Ouvira falar em juro e em prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras.

Mas eram bonitas. Às vezes decorava algumas e empregava-as fora do propósito. Depois esquecia-as. Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica? [...] Se ele soubesse falar como Sinhá Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, cocava os cotovelos, aperreado. Por isso esfolavam-no. Safados. (Ramos, 2005, p. 97).

As teorias dos NMS partem do pressuposto, algumas vezes implícito, de que o consenso estabelece-se exclusivamente a partir do diálogo. Entretanto, deve-se levar em conta que a construção de consensos a partir do diálogo implica que se considerem, de um lado, as limitações impostas à capacidade de falar e de se expressar e, de outro, os diferentes e opostos interesses em disputa.

Estes dois fatores que, na prática, dificultam o consenso são condicionados pelas diferentes posições de classe dos agentes, bem como pelas diferentes determinações estruturais advindas destas posições: a capacidade de falar e de se fazer entender, a racionalidade, a escolaridade, o conhecimento, a cultura de forma geral⁵:

Se [Fabiano] aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito. Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas

⁵ É necessário ressaltar, de antemão, que o fato da cultura expressar-se de maneiras variadas não implica, necessariamente, em uma concepção elitista das relações sociais. Tal afirmação se faz necessária na medida em que uma leitura inadvertida sobre o tema pode inferir uma visão equivocadamente depreciativa de Fabiano e sua família. A ausência das condições materiais necessárias para desenvolver partes importantes da sociabilidade, em especial a fala, não pode ensejar, absolutamente, o preconceito e a inferiorização da camada social representada pelos personagens de *Vidas Secas*.

vezes dissera: – “Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole (Ramos, 2005, p. 22).

A impossibilidade de expressar e reivindicar seus interesses, ainda que se deva considerar os limites culturais, verifica-se principalmente através da dominação de classe propriamente dita:

O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (Ramos, 2005, p. 23)

No que concerne a capacidade de falar, bem como a capacidade de se comunicar, o problema não se resume aos fatores que as determinam, mas também à relação estabelecida com o outro pólo do diálogo. Neste sentido, mesmo que o indivíduo saiba falar perfeitamente, não há garantias de que seja, de fato, compreendido/atendido. Esta é uma prova de que há inúmeras relações de poder externas ao diálogo que influem no estabelecimento de determinado consenso. Por este motivo, ao criticar os teóricos dos NMS, afirma Gohn (2007, p. 134) que há “grande dose de voluntarismo. Ao negar o poder das estruturas macro da sociedade e na sociedade, procura reavivar as forças que se considera existem dentro dos indivíduos”.

Assim, se levarmos em conta que, no Brasil, grande parte dos conflitos gira em torno de questões como a grande propriedade rural ou urbana, que opõem diferentes interesses, e se considerarmos também a especificidade das relações de dominação que, no caso em particular da região nordeste apresentam formas

ainda mais dramáticas, torna-se difícil defender que a luta política seja uma luta essencialmente discursiva, podendo o diálogo resolver conflitos e estabelecer consensos.

E, pensando bem, ele [Fabiano] não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra (Ramos, 2005, p. 18).

É notório que o romance em questão estabelece relações entre a fala e o poder, ou seja, enfatiza que a capacidade de dominação está ligada à capacidade de dominar as palavras e à capacidade de se fazer entender, as quais, por sua vez, dependem do conhecimento das palavras. E a questão de classe aparece enquanto dominação/opressão, trazida através do poder e da linguagem⁶, isto é, dos limites impostos pelas diferenças de classe à capacidade e possibilidade de se expressar e, a partir disso, fazer valer seus interesses e vontades. Por esse motivo, conforme aponta Cevasco (2008, p. 113): “é importante falar em forças produtivas em relação à cultura porque isso ajuda a ver que a cultura opera ativamente nas sociedades e está longe de ser um domínio separado, uma espécie de instância autônoma de valores humanos – como quer a tradição idealista”. Conseqüentemente, infere-se que as palavras não significam nada por si mesmas, já que estão

⁶ A linguagem é entendida aqui enquanto toda e qualquer forma de expressão, comunicação ou diálogo, seja ela corporal, gestual ou até mesmo o silêncio: “O único vivente que o compreendia [a Fabiano] era a mulher. Nem precisava falar: bastavam os gestos” (Ramos, 2005, p. 98). Além disso, a linguagem é entendida também como elemento estrutural do conhecimento e da cultura, como portadora de materialidade. É o “problema da linguagem como algo inseparável do teor das mensagens” (Candido, 2000, p. 8).

implicadas em disputas de poder, de modo que delas não pode ser apartada a posição de classe que ocupam os que falam.

Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou [...] Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado (Ramos, 2005, p. 94).

Além da relação de poder que, independentemente do discurso, está ligada à posição que ocupam os que falam, há ainda outro fator que é importante considerarmos: a luta de classes presente no próprio discurso. Desse modo, Graciliano consegue demonstrar, na relação escritor letrado/personagem iletrado, o conteúdo de classe não só da condição de vida de Fabiano, como também da sua linguagem, sendo que “a mudez de Fabiano é a forma radicalizada de questionamento da linguagem e também da literatura” (Bastos, 1998, p. 49).

Para Bastos (2009), o que ocorre é uma negociação (ou dialogismo) entre escritor e personagem, no que diz respeito à sua presença e ao seu papel nas obras ao invadir o discurso do escritor:

Chamo negociação o resultado do confronto entre o personagem e o narrador (ou escritor). A força que terá o personagem de fazer com que a obra se conforme aos seus interesses dependerá de sua presença e visibilidade na vida real. Esta não é uma relação mecânica, é claro. Os párias, os desclassificados, os vaqueiros, os jagunços, os migrantes, os pobres e explorados de todas as espécies estarão presentes nas obras com maior ou menor força conforme o escritor puder fazer ver o outro de classe (Bastos, 2008a, p. 304).

Neste sentido, há em Graciliano um tipo de problematização em que os conflitos de linguagem mostram-se como representação dos conflitos de classe (Brunacci, 2008).

Dialogismo é, ao contrário do que apregoam os multiculturalistas, antagonismo. Dialógica é a luta de classes. Dialógico é o conflito de interesses. Assim, para que haja alteridade é preciso que alguém (individual e/o coletivamente) se constitua como outro, vale dizer: tenha voz para gritar e ser ouvido e presença atuante para fazer valer seus interesses (Bastos, 2008, p. 12).

Dessa forma, os críticos literários chamam a atenção, ao considerarem o compartilhamento do discurso entre narrador (escritor) e personagem, para a não neutralidade do narrador e para o posicionamento de classe do escritor, que desloca “o ponto de vista da narração para a perspectiva da classe e da linguagem do dominado” (Brunacci, 2008, p. 181). Assim, a relação entre narrador (escritor) e personagem em *Vidas Secas* “é uma representação do poder de representação” (Bastos, 2008b, p. 67).

Para os personagens, na sua relação com o mundo natural, as palavras deveriam funcionar como meios de ocupar o mundo. Delas eles esperariam que lhes franqueassem o mundo, mas o mundo é cada vez mais inóspito. Fabiano desconfia delas, mastiga-as e na maioria das vezes engole-as sem as proferir [...] Nas palavras, escassas ou virtuosísticas, está o limite dos personagens, e o dos escritores também (Bastos, 2009, p. 6).

Mesmo que essa família de retirantes em particular possua recursos lingüísticos para além da fala (como o grito e o gesto) sua posição de classe limita a capacidade de expressão e comunicação. Estes fatores, porém, não dão razão às análises que retratam Fabiano como um indivíduo “sem cultura”, tendo em vista que a noção de cultura como um modo de vida, adotada e

desenvolvida por Williams, vislumbra tal conceito como “algo comum a toda a sociedade, que inclui, além das grandes obras (...), os significados e valores que organizam a vida comum” (Cevasco, 2008, p. 110).

Ao mesmo tempo, a escassa quantidade diálogos não deve ser entendida como uma ausência de racionalidade ou de clareza da condição social na qual Fabiano e sua família estão inseridos. Tal afirmação pode ser verificada através da capacidade dos personagens de sobreviver em um ambiente tão hostil, em completa desarmonia com os demais homens, mas em sintonia com a natureza:

[Fabiano] vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentia a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se nele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia [...] Às vezes, utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (Ramos, 2005, p. 20).

Quando não há conexão entre a linguagem e a materialidade de uma época, a análise da primeira acaba se tornando superficial, pois as contradições sociais que conformam as condições de vida também conformam sua capacidade de comunicação.

O ataque às maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (e pela) linguagem que os homens externam sua visão de mundo (justificando, explicitando, desvelando, simbolizando, ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade) investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser desse tempo (Lafetá, 2000, p. 20).

Ou seja, entender a luta política ou a mobilização social fundamentalmente enquanto luta discursiva, ao mesmo tempo em que esvazia o poder explicativo da classe social, restringe o entendimento da complexidade dos problemas sociais.

Considerações Finais

Para Touraine (Gohn, 2008), cada um deve lutar pelo direito a viver conforme seus desejos, suas necessidades e sua cultura. Entretanto, a questão é saber se efetivamente é possível alcançar um consenso em termos de desejo, de forma que o direito ao desejo de um não signifique a privação do desejo de outro. Parece-nos que em uma sociedade de classes, a realização do desejo/interesse de um é necessariamente a expropriação do desejo/interesse de tantos outros.

Na situação social dos muitos “Fabianos”, dominação política, exploração econômica e cultura não estão dissociadas. Pelo contrário. Se há exploração do trabalho, há dominação, quer esta seja política, quer seja cultural. Entretanto, os teóricos dos NMS não analisam as causas da miséria, muito menos vislumbram possibilidades para a sua eliminação. A idéia central por eles levantada, diz respeito à exclusão e à diferença. Em nosso juízo, deveriam apontar a exploração e a desigualdade.

Nesse sentido, entre as implicações geradas pela aceitação das teses dos NMS depreende-se, entre outras, a acomodação aos limites estruturais do capitalismo, a pretensão de remediar os custos sociais para garantir a continuidade da sociedade burguesa e a eliminação do ódio contra a burguesia (Coelho, 2005). Além disso, tais autores tendem a superestimar o caráter inovador das formas da prática política em construção, já que se recusam a pensar a problemática da exploração e dominação de classe (Coelho, 2005, p. 18).

É importante destacar que os pontos levantados durante o presente ensaio não compartilham com uma visão etapista do desenvolvimento social. Ou seja, a intenção da argumentação não é sugerir que o debate sobre a cultura deva ser preterido/

subjugado pelos assuntos referentes às dimensões materiais relacionadas ao conflito de classes na sociedade ou que só se deva tratar da cultura quando os problemas relacionados à divisão capital/trabalho estiveram solucionados. Longe disso. O principal objetivo perseguido neste texto é demonstrar a reciprocidade e interdependência desses dois campos. Assim, ao contrário do pretendido pelos teóricos dos NMS, a idéia é afirmar que as questões relativas às classes sociais e à cultura são indissociáveis no contexto do capitalismo e, por isso, devem estar sempre conjugadas.

Se afastarmos a luta de classes da análise da realidade social e também dos movimentos sociais, ou se não nomearmos a luta enquanto luta de classes, o problema esvazia-se de conteúdo e a luta perde capacidade combativa: “livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas” (Ramos, 2005, p. 82).

A transformação social, assim, parece afastar-se do horizonte da luta social: “Não por acaso a perspectiva de superação do capitalismo desaparece do horizonte das lutas sociais. Expressões como “transformação social” ou “mudança” passam a designar arranjos novos no interior da ordem do capital” (Coelho, 2005, p. 15).

Referências

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do cárcere, literatura e testemunho*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. Prefácio. In: Brunacci, Maria Izabel. *Graciliano Ramos: um escritor personagem*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008, p. 11-13.

_____. Um antagonismo fecundo: Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. *Revista da Anpoll*, v. 24, 2, p. 295-309, 2008a.

_____. As artes da ameaça: um percurso de Vidas Secas a Meu Tio o Iauaretê, p. 01-8, 2009. Disponível em:

<http://www.apropucsp.org.br/apropuc/index.php/revista-cultura-critica/41-edicao-no08/550-as-artes-da-ameaca-um-percurso-em-vidas-secas-e-meu-tio-o-iauarete>.

- _____. Formação y representación. Anuario del Colegio de Estudios latinoamericanos. México: Facultad de Filosofía y Letras/ UNAM, 2008b, v. 2, p. 67-74. disponível em: http://ru.ffyl.unam.mx:8080/jspui/bitstream/10391/583/1/08_bastos.pdf.
- BOSI, Alfredo. "Tendências contemporâneas". In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1975, p. 427-546.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRUNACCI, Maria. *Graciliano Ramos: um escritor personagem*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008.
- CAMILO, Vagner. "Graciliano Ramos". In: Pizarro, Ana (org.), *América Latina – palavra, literatura e cultura*. São Paulo, Memorial; Campinas, Unicamp, 1995, 3v, p. 413-428.
- CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1989, p. 140-162.
- _____. "Prefácio". In: Lafetá, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo, Editora 34, 2000, p. 7-14.
- _____. *Ficção e confissão – ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006.
- CEVASCO, Maria. *Dez lições sobre estudos culturais*. 2ª ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2008.
- COELHO, Eurelino. "As novas faces do socialismo burguês: sobre uma categoria do Manifesto de 1848, os novos movimentos sociais e seus intelectuais". *Cadernos Cemarx*, 2005, n. 2, v.2, p. 9-20.

- COUTINHO, Carlos Nelson. "Graciliano Ramos". In: _____. *Literatura e humanismo – ensaios de crítica marxista*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, p. 139-190.
- FELINTO, Marilene. "Posfácio". In: Ramos, Graciliano. *Vidas secas*. 97ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2005, p. 129-139.
- GALVÃO, Andréia. "O marxismo importa na análise dos movimentos sociais?" 32º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, 27 de outubro a 30 de outubro de 2008.
- GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais - paradigmas clássicos e contemporâneos*. 6ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 2007.
- _____. "A contribuição de Alain Touraine para a produção do conhecimento na sociologia urbana: sujeitos coletivos e multiculturalidade". In: _____. *Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo, Edições Loyola, 2008, p. 91-128.
- LACLAU, Ernesto. "Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 2, v. 1, 1986, p. 41-47.
- LAFETÁ, João. *1930: a crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo, Editora 34, 2000.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 97ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- SALLUM Jr, Brasília. "Classes, cultura e ação coletiva". *Lua Nova*, n. 65, 2005.
- SOUZA Santos, Boaventura. Os novos movimentos sociais. In: Leher, Roberto; SETUBAL, Mariana (Org). *Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis*. São Paulo: Cortez, 2005.
- TOURAINÉ, Alain. "Os novos conflitos sociais: para evitar mal-entendidos". *Lua Nova*, n. 17, 1989.

_____. "Novos movimentos sociais?" In: _____. *Como sair do liberalismo?* São Paulo, Edusc, 1999, p. 65-101.

WILLIAMS, Raymond. *Culture is Ordinary*, 1958.

(Consultado *online* em 09 de dezembro de 2010. O artigo encontra-se disponível em: <http://artsites.ucsc.edu/faculty/Gustafson/FILM%20162.W10/readings/Williams.Ordinary.pdf>).